

IRACEMA



Revista do Centro Litterario

« Só a arte immortalisa »

Redacção—Rodrigues de Carvalho e Pedro Moniz.

Secretario—Francisco Carneiro

Anno I

Ceará, 1.º de Julho de 1895

Numero 2

51-2.118
BIBLIOTECA NACIONAL
S.L.R.

EXPEDIENTE

ASSINATURAS:

Para a capital trimestre . . . 2\$000
Fora da " " " " . . . 2\$500

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Centro Litterario.

O *Iracema* publica-se quinzenalmente.

Os recibos serão referendados por Pedro Moniz.

SUMARIO:—*Chroniqueta*, P. J.;—*Carvalho*, Pedro Moniz;—*A lição de Italiano*, Vianna de Carvalho;—*Paro*, Joaquim Carneiro;—*A rosa*, Rodrigues de Carvalho;—*Aerão das almas*, Soares Buleão;—*Abe-Maria*, Alvaro Martins;—*Brumas*, Alfredo Severo;—*A jardineira*, Quintino Cunha;—*Utimentas*, Euz. Rosa;—*Recuerdo*, Antonio Ivo;—*Trahido*, Themistocle Machado;—*Vicendo*, Raul Braga;—*Na Missa*, Frota Pessoa;—*Na solidão*, H. Castriçano;—*Algumas linhas sobre religião*, Alcebiades Mattos Guerra;—*Casto de vimes*, J. de Sousa;—*Metempsychose*, Adherbal de Carvalho;—*Noticiario*;—*Livros e Jornaes*.

Chroniqueta

(HUMORISMOS BARBAROS)

Com uma dessas exclamações, que são, não o grito subito de uma alma, mas o grito cruciante de um povo que tem pruridos e que tem laseira, podemos hoje exclamar gostosamente:

— Meus senhores, o Ceará coça-se!!

E' a actualidade mais palpitante desta actualidade, apesar dos empuchões que está levando o paiz desde o' Prata até as Goyanas, e com os quaes já estamos affeitos, de modo a não lhes sentirmos os effeitos, sinão em doses extremamente homeopathicas.

Tempos calamitosos. . . de guilhotinas, de propinas, de atropinas, de mofinas e de. . . sarnas!

Na evolução politica têm entrada, à farta, aquelles tres primeiros elementos. . . de ordem; na evolução litteraria os dois ultimos estão exercendo effeitos salutaes:—além da mofina litteraria, temos a mais. . . a sarna litteraria!

A litteratice indigena anda sarnosa, com pruridos violentos; e eu tenho de confessar, para ser sincero, que nunca me vi tão coçado para fazer saltarem da penna estas linhas. Coço-me com sofreguidão, coço-me desesperadamente, coço-me como qualquer representante da genese de *Darwin*, coço-me aos saltos, n'uma dança macabra, unipé!—Danço, afinal, a contragosto, a dança de São Guido.

Horroroso!!

O meu estado mental suggestiona-se pelo que por ahi ha de coceiras pelo Ceará. E, não é extrahavel esse phenomeno vulgarissimo, de uma vulgaridade burguezã.

A larva corruptora, disfarçando o anonymo no insecto da coceira, infesta por aqui tudo, na proporção de um por cada estampilha municipal, calculo cuja exactidão garantimos com os dados de uma estatistica proficiente, que temos de baixo da nossa mesa de trabalhos.

D'ahi é avaliar a multidão turbilhante e ferroante desses miserabilissimos insectos, que são hoje a nossa desdita, o nosso mau sono, a nossa demorada agonia, e, finalmente, o nosso eterno desespero!

Ah! . . . Mas eu rio-me, e rio-me gostosamente. Tenho, confesso, alguma coisa de terrivel, de mau, nesse riso que me anda a saltar descaradamente.

Gosto de ver a humanidade fe-

liz e confortada; faço meus todos os males alheios, com esse pieguismo sentimental que me neurasthenisa; mas quando vejo que o meu semelhante se coça, a coisa muda de figura:—sou assaltado por um phrenesi explosivo de alegrias; bato palmas; bracejo n'um oceano capitoso de jubilos; banho-me de papo para o ar no refrigerante emulsivo de bastas gargalhadas!

Para mim a coceira devia ser edemica, congenita, eterna, indestructivel, porque afinal, é preciso convir:—O homem deixa de ser homem quando se coça.—E' nesse periodo que elle tem a mais intima relação com o macaco, que mais se aproxima delle. O homem coçando-se abandona todas as investidas convencionaes, todas as praxes formalisticas da etiqueta, torna-se senzaborão, grotesco, e as vezes indecente, quando não sabe coçar-se. Revela-se o que é muitas vezes:—um individuo que nunca tomou chá de garfo, como o Sr. Alves de Farias, e que precisa banhar-se, demoradamente, como elle mesmo.

Reflexionando-se bem, póde-se concluir que não são a democracia, as republicas, que nivelam as classes. Absolutamente não!—E' a coceira que tem esse grandioso e elevado papel:—A Egualdade universal reside apenas nas. . . coceiras.

O rei, vestido de todas as suas insignias magestáticas, num momento dado, se soffre de coceiras, e se não é canhoto, atira o sceptro pela janella afora, e faz o que qualquer um de nós faria:—coça-se.

O Papa tambem não está isento disso:—de atirar ao diabo o baculo de S. Pedro e coçar-se francamente, desesperadamente, no meio

de um concilio em presença de todos os seus cardeaes.

Um presidente de republica, atacado do insecto, coça-se tambem. Este, porem, de modo mais democratico, levantando, surratemente, a aba da casaca se a comichão lhe anda pela ilharga ou adjacencias.

E' nisso que reside a egualdade.

Todos esses individuos nas suas elevadissimas posições nivelam-se conosco:—coçam-se, como nós nos coçamos. Uma differença, apenas:—é que estes, quasi sempre, coçam-se muito mais do que nós, e isto já é um consolo.

Ora, por aqui a epidemia lastra compromettendo a seriedade e o decoro. Ha namorados que ha dois mezes vivem reclusos, para não ter a semsaboria de se coçarem na presença de suas adoradas, distraidamente ás vezes por lugares inconvenientes.

E' uma coceira universal na mais estricta definição.

Todos, á porfia, dão que fazer ás unhas: os magistrados, os sacerdotes, os militares, os politicos, os litteratos; todos, todos, perdem a pose do momento, o aprumo da occasião para se coçarem com um gosto extranho e voraz!

E' preciso dizer que as senhoras tambem coçam-se; mas, está de ver, estas fazem-no muito discretamente.

Mas, de onde nos veio o malefico insecto?

Ahi é que está o dilemma!

Esta pergunta abriu caminho ás investigações scientificas. As conjecturas, as deducções, o estudo sobre a marcha triumphante do insecto, tudo isto, chegou a estabelecer scientificamente, que o bicho veio do Rio de Janeiro, e que ahi fôra gerado no meio infecto dos navios revoltosos, e, verdade é, que, naquelles tempos, os fluminenses coçaram-se muito, e foram tambem muito bem coçados.

A minha fraca competência de veterinario das letras, apresenta, apenas, um ponto divergente:—Concordo com a procedencia, nego porém o fóco gerador! Isto é:—o bicho veio do Rio de Janeiro, e nasceu, não do meio da revolta, mas, espontaneamente, da litteratura nova, do *nephelibatismo* do Sr. Alves de Farias!

Queixemo-nos, apenas, deste senhor. Foi elle, simplesmente elle,

que introduziu a sarna na litteratura.

E este espantoso homem feito só de Arte, não contente de nos atirar para cima este terrivel mal, diverte-se ainda em falar de nós, do nosso Ceará, dos nossos poetas, dos nossos sachristães, dos nossos sinos e implicitos badalos, enfim! mette o nariz em tudo, esse espantoso homem de Arte.

Fique, pois, registrado para que um dia entre para as paginas clarificantes da Historia que todos os males sarnosos nos vierão d'elle somente, e do seu *nephelibatismo* de escacha, que irrompe em Symbolicas injurias pondo-nos os nomes feios de Barbaros, Nullos, e outros arrevezados e malevolos.

Perdoamol-o, porque afinal é um irresponsavel degenerescente. Engulhou com a novissima escola o—*decadismo*, o *sosismo*, que é uma cousa que dá para engulhar, principalmente quando se soffre de dyspepsia litteraria.

Para este Senhor Alves o *nephelibatismo* tem sido uma bola soffriavelmente grada, saturada de envenenamentos, que o tem posto ás tontas.

Cahi nella vorazmente, inconscientemente, como peixe de tanque esfaimado por bolinhas de pão de rala, e d'ahi impou. Perturba a assimilação pela ingestão do fermento litterario. Andá atarracado, obstruido, e a qualquer esforço, mais violento tem contracções vomitivas, que cheiram a azedo, que tresandam a entrugice litteraria.

E dahi verão:

O verso, esse pobre que já andava feito trintanario na carriola das Muzas, vae, por culpa desse espantoso homem de Arte, entrar invalidado para um azylo de mendicidade. Além de sarnoso, está de maletas o pobresinho verso, de pernas quebradas, chlorotico, da brancura fastidiosa, amarellecida do verme—lonbriga, e a mais, cheio de symbolismos grotescos, cujo *brevete* de invenção não pertence a Verlaine, nem a L'Isle-Adam, nem a Mallarmé, e sim ao mais espantoso dos espantosos homens de Arte, que o Brazil tem gerado.

E' a soberana convicção, pois, que me obriga afirmar, peremptoriamente, que todas as nossas coceiras nos foram trazidas pelo *nephelibatismo* do senhor secretario da *Thebaida*. Quem arranca do in-

tellecto figuras como as que têm os seus *artistiscos* versos *Passeio a Tijuca*, é bem capaz de nos mandar, subscriptado com o titulo de *Barbaros*, não um punhado de insectos da sarna, mas um cartucho com todas as pragas do Egypto.

Aquelle *carro adunco*, aquella *creança alegre como um velho*, e aquella *virgula de um leproso*, para figurar uma chicotada, são realmente cousas que tem o sabor acre da azneira artisticamente cinzelada. Dão para a genteter engulhos, daquelles que o espantoso homem sentiu ao deglutir a pilula do *nephelibatismo*.

De resto, fique o Orbe sabendo que desta vez o mal da coceira fermentou na litteratura, irrompeu do encephalo do senhor secretario d'*A Thebaida*, e para castigo desse homem que tanto mal nos fez, nós d'aqui, os *Barbaros*, o condemnamos—a se coçar eternamente!

P. J.

CARVALHO

A VIANNA DE CARVALHO

*Eu conheci, quando pequeno, outr'ora,
um Carvalho frondente, um roble anti-*

*ago,
a cuja sombra iam pedir abrigo,
o cérebro que pensa e a dor que chora*

*Quando tingia-lhe a fronda a luz
(doirada
da aurora, como um djadema de ouro,
os espiritos de luz iam em coro
cantar por sobre a copa illuminada.*

*E a dor ia, mendiga de alegria,
alli buscar allivio ao soffrimento,
e o cérebro a luz do pensamento ia.*

*Nós hoje a ti, Carvalho, ao pensamento
vimos pedir-te a luz que se irradia
da luz auroreal do teu talento,*

PEDRO MONIZ.

1895.—Fevereiro.

A licção de Italiano

(DE UNS MANUSCRIPTOS TRISTES)

Fôra á serra unicamente para vel-a. Quantos mezes de um lento e fundo supplicio acabavam de rolar! quantas noites de infinitas saudades em vigalias dolorosas eu passara depois que ella partira!

Agota, estava alli no logarejo onde ella estava tambem e no emtanto inda não pudera saçar esse desejo voraz de vel-a que me torturava barbaramente.

* * *

Quinta feira, 21, voltava de um passeio pela estrada.

La anoitecer.

Os crepusculos na serra têm uma doçura e uma tristeza mystica que apertam a alma dolorosamente. E como eu olhasse para os longes verdes carregados em tons de velludo, tocados das ultimas refracções, olhasse o ceo desbotado, sujo de nuvens esfalripadas aqui e alem, fui sentindo necessidades de pranto, um abandono, incomprehendido em que toda a minh'alma voltava-se para ella chamando-a, chorando-a n'uma agonia suprema.

Apertei os passos para o logarejo.

Ao passar pelo collegio onde estupidamente a tinham enclausurado, ouço vozes. Escuto. E' uma aula. Atrevido olho pela frincha da janella cerrada: pelo corpo correu-me um resfriamento. Ha alguns passos apenas eu via-a divinamente bella. Falava o italiano, esta lingua suavissima que me encanta hoje porque seus labios sabem proferir-a. Um chale escuro envolvia-lhe a garganta em dobras que lembravam as mantilhas sevillhanas, destacando a perfeição activa da cabeça em graças de rainha. Os olhos grandes e doces, embebidos de luz, fitavam o professor em vez de me fitarem. A bocca vermelha e fresca recitava formosas palavras que me suggeriam versos de Steccheti e d'Ariosto.

Como ella tinha mudado! Estava mais alta, mais forte, mais seria!

Eu demorava-a com o olhar. Tinha ancias de fallar-lhe muito... muito...

.....
E n'essa quinta feira, 21, em que vi-a tão perto de mim sem ella ter me visto, não pude adormecer á noite quando recolhi-me á lobrega morada, humida de chuva, nua de moveis, triste, tristissima, onde me esperava um leito frio como uma chapa de ferro exposta ao gelo.

VIANNA DE CARVALHO.

PARTIDA

SAUDADE...

Noite de plenilunio, clara, clara, cheia de fulgurações etheraes de astros, phosphorescencias brancas

de luar nas aguas, de relampagos azues, mansos, de vagalumes errantes, de lactencias somnias de lizos marmores frios... Noite luarosa, que da as cousas escuras a apparencia veludosa de um olhar doente e a tudo a fina nitidez de uma gouache hollandeza de Rembrandt... Outomno.

Nimbos pequenos, pezados, escuros, subindo no ceo pulverizado de ouro ao compasso monotono da musica do vento, parecem chlamydes celestes que o arqueado azul estende, como para saudar a dolencia cyprestal do luar de prata sobre a flor tremula do oceano, longe, que lembra uma aurora boreal, com scintilações de perolas, saudando os brancos lençoes de neve da Groenlandia, as florestas escassas das columnatas de gelo, ou os hogar perdidos no paiz das languidas Valkyrias...

Sopra a branda aragem tropical macia, leve, vestida do aroma mixto de heliotropo branco e de mirra antiga, como que sahindo de kanklins colossaes abertos. Como leques de bronze balouçando, oscilla o coqueiral distante, n'um rouco farfálhar de trepadeiras altas.

E vai a natureza dolencialmente descendo celere ao som do psalmo triste do vento, os véos opalisados de uma tristeza immensa, indinida, só comparada a uma sarabanda macabra de phantasmas allucinados, por que tu, morena, oh linda flor morena da noite, partiste, deixando com fulgurações astraes de diamantes, o longo crepusculo de teus olhos negros... Até o luar n'uma immobilidade de pintura, n'uma tranquillidade budhica, deve ter sentido uma branda nostalgia de teus olhos de austriaca princeza...

JOAQUIM CARNEIRO.

(Luaros...)

A cruz das almas

A PAULA FILHO

Lembro-me que a vi, pendida, a balouçar ao sopro do vento.

Nas rochas escarpadas das serranias, na curva da vereda tortuosa, ella enfrenta como sentinella muda, a sombria abertura da gruta, vedada, ha annos, as pégadas humanas.

Espectro erguido na pedra tosca, impavido, ouve o continuo ge-

mer abafado e lugubre das victimas, cuja ossada santelma o escuro insondavel da pavorosa gruta, impavido!

Impia mão de barbaro algoz, fincou-a ali, enquanto o corpo da victima, rolava como massa inerte, sobre o pavimento escombroso e frigido da caverna.

E o ultimo ai do moribundo ecoou triste nas abas das montanhas como o rolar das pedras sobre os lagêdos da serra.

Uma nota plangente ressoou no coração calmo dos timidos habitantes esparsos, como o presentimento de uma tragedia futura.

Principiou o luto e o coração malevolo do homem transformado em fera, riu-se do primeiro cadaver insepulto.

O assassino, o pacato e medroso caboclinho d'outr'o a, levando a dextra ao alto da cruz fresca de aroeira, jurou o exterminio da familia inimiga.

O seu noviciado fora terrivel e baptizou a cruz premeditada com o sangue ainda tepido do primeiro assassinado, e enquanto o lamento do agonisante confundia-se com o murmurio monotono da cachoeira, com a arma homicida, escreveu na face espelhenta da aroeira, o nome do infeliz.

Ainda o cadaver jazia abandonado entre os cardos resequidos e já a segunda victima cahia ao estampido do bacamarte.

E principiou o morticinio.

Foi grande, foi terrivel; nas frias lageas da caverna amontoavam-se cadaveres e na face plumbea da aroeira confundiam-se os nomes.

Muitas tinham sido as victimas immoladas ao insincero sanguinario e perverso de José Gabriel.

A justiça ultrajada transbordou, e o assassino foi preso...

Já « Fernando de Noronha » guardava mais um scelerado, e já nas margens do sinuoso Mundahú, scenario fatal da tragedia hedionda, ainda confundiam-se o dorido queixume da orphandade e viuvez e o murmurio saudosamente triste da cachoeira.

Pgassaram-se a nos, a cruz enne, recida como o coração do facino a que a plantou, impavida, ouve o gemer abafado e sentido das almas penantes, impavida!

A gruta tomou o nome da primeira victima, e na quietude das noites luarentas, um sussurro pro-

longado, como sahido de seu auro, repercute lugubrememente nas sinuosidades da serra.

Na escuridão das noites, ninguém ouza passar alli; dizem que uma luz bruxolêa ao pé da cruz e ainda hoje, por isso chamam-lhe a «cruz das almas.»

Eu a vi, pendida, a balouçar ao sopro do vento.

SOARES BULCÃO.

Brumas...

Pela face limpida e azul do céu, onde a manhã gargalha deslumbrantes risadas de oiro claro, aqui e alli, manchando como trapos de gaze a pureza immacula do azul triumphante, sempre estão ellas, as brumas, pallidas as vezes, as vezes densas, como se fossem destroços que via-lactea em sua trajectoria triumphal pelo noite, houvesse deixado alli as pobresinhas a tremar de frio...

Durante as frias manhãs de inverno, quando as madrugadas plumbeas entram a orvalhar maternalmente os campos, ellas as pobres brumas se dilluem tremulas e como tenues baforadas de fumo se espargem pelo céu vasio.

A mim, doe-me muito velas errantes, como pequenos nimbus até que a caricia rutila do sol as venha abençoar e recolher em seu manto luminoso e claro.

*
*
*

Brumas, densas brumas pallidas envolvem tambem o sanctuario desse amor que parece fenecer como fenece triste no caule a flor que a carambina impiedosamente sepultou em seu leito algado, de neve.

Sim, a tristeza polar dos gelos eternos sepultou em seu estendal desolador a claridade alvoral desse amor sagrado para o qual apagou-se a alleluia fulcite da crença.

Talvez, talvez um dia para elle rutilem os lampejos radiaes que as brumas colorem, como halos de luz sobre as trevas da noite, e então, oh meu Ideal! encontrareis ainda vasio e sempre aberto para vos receber, o hostiario de meu peito, ermo desde que o abandonastes, e pelo qual minha alma anda a pairar erradia como um fogo-fatuo a illuminar vacillante a assombrosa escuridão de trevas agoirentas...

ALFREDO SEVERO.

A ROSA

*O sol calcina o campo; alem se obumbra
Como um incendio que o crepuse'lo doma...
Então, aquella rosa é toda aroma,
Dizia a tarde, em lurida penumbra.*

*Até a aurora—a rosa que destumbra—
Quando das gazes do levante assoma,
Faz dos nymbos sendal de negra coma,
E se esconde da flor que mel resumbra*

*E eu fui colher aquella flor, tão doce,
Que, tendo espinhos, parecia inerte,
Como se a polpa d'algum labio fosse...*

*Quiz oscular-lhe a virida epiderme,
E, qual um sonho, a rosa desfinbrou-se...
Tinha no collo um canceroso verme.*

Iracema,—1895.

RODRIGUES DE CARVALHO.

NA SOLIDÃO

(Versos escriptos n'uma pedra da gruta da Trinchreira, da qual jorra eterno fio d'agua).

*A lagrima sem fim, a lagrima pesada,
Que eternamente cahe do cimo desta gruta,
Representa algum'alma extranha e desolada,
Que mora a soluçar dentro da rocha bruta...*

*Esta alma quem será? Não sei! Mystério fundo...
Entretanto eu presinto alguém, que se debruça,
E baixinho me diz, n'um gemido profundo:
—Existe um coração na pedra que soluça...*

Serra do Martins, 1895.

H. CASTRICIANO.

VIVENDO

(Notas intimas)

Eu me divertia com a minha sombra. Homens que passavam riam-se: «Quem sabe, um doído... Não! talvez, o vinho!...» E eu continuava a rir-me, a fallar com ella... a seguil-a.— «Eu não me espanto com as suas loucuras; façam outro tanto com as minhas...» — E eu seguia, e eu continuava a diveri-me, a fallar, a rir-me com a minha sombra...

Gesticulava, dava-me posições grotescas, a ver o efeito sobre as pedras e sobre as paredes, e gargalhava, n'um prazer infindo... Arrefelava os cabellos com as mãos, tirava o chapéo, — e uma hilaridade feliz, de unico homem venturoso, echoava dos meus labios por toda a rua... Homens que passavam riam-se...

Meu Deus! porque? Respeitem a minha alegria!... eu outra coisa não posso ser que um alegre... E' que a minha dor, o drama doloroso e latente da minha vida, ha alguém que o comprehenda ou respeite?!... Deixe-me rir, pois: respeitem ao menos a minha alegria!...

A minha dor bem que merecia o vosso respeito, e a desprezaveies, e vos rie's della; a vossa alegria outr'ora me revoltava, e eu me calava, no entanto...

«Como! dizia-me eu: a minha se deve calar e a vossa alegria não! Não! é a minha dor mais elevada, mais iusta,—que a vossa alegria?!—não haverá, pois, mais razão para que eu me expanda que vós?!... — Calae-vos, pobres! vêde que eu soffro, embora não chore, não soluce, a unica maneira, talvez, porque o comprehendereis; respeitae a minha dor, não a enxovalheis com a imbecilidade, com a miseria da vossa alegria!...»

Debalde! Eu só... eu apenas que soffria, não me devia expandir...

Que eu me ria, então! respeitem ao menos a minha alegria!...

Gavinplaine da tortura do teu escarneo e da tua impiedade, mundo,—que eu exhibia eternamente a mascara do riso... Oh! o Quasimodo moral que eu me sinto, diante da bondade e da justiça do teu coração e do teu espirito, ó mundo!

Rio de Janeiro.

RAUL BRAGA.

A JARDINEIRA

(Um crime d'infanticidio)

A F. CARNEIRO

Todas as manhãs, todas as tardes, Lucia, a jardineira da quinta do Dr. F..., a sympathica rapariguinha de corpo roliço, olhos vivos, cabellos acastanhados, morena, perfil ao todo correcto; ella, a infeliz creança que orphã cahira como escrava nas mãos d'aquelle burguez, todas as manhãs, todas as tardes, via-se na quinta *siquizaqueando*, com um agnador rustico, ligeiramente aquelles canteiros bem contornados, cheios de uns pesitos de flores verdes... verdes.

A ave quer voar? Ninguem lh'oprime as azas; no espaço não ha peccados!...

15 annos tinha Lucia; e presa como vivia tinha necessidade de amar, E' justo; não razoavel.

O amor aos 15 annos não é um bem commun, é uma paixão, não é uma paixão, é um vicio. A cegueira fal-o noctorio.

Os dons juans são como uma especie de frio: imperceptivelmente penetram em qualquer vidraça.

Lucia cahira lles nas vistas. Os dons Juans amam por demais as flores: tiram-n-as dos jardins para o peito.

Poderia Lucia amar a todos?!!

O coração tem ás vezes uns rasgos de audacia pelo Impossivel; quer e ás vezes tenta engular de um trago, o Infinito.

A Ingenuidade tem a concepção artistica e benevola do amor: só conhece o bem, o bom, o bello.

Lucia tinha a resignação da mariposa; via Luz, chammas e não sentia ardor. Preciso fora queimar-se para o sentir.

A Virgindade é como o jasmim do Cairo: ninguem lhe o toque; assim murchará; mudará de cor como a madre-silva.

Lucia tinha o effeito da magnolia: longe derramava o perfume de suas pet'las...longe... longe...

O Amor tem o lance atrevido das serpentes! Lucia! ah, Lucia depois de tempos... Lucia.

Mezes passaram-se.

Sae o Dr. F... com a sua senhora a passeiar na tarde desse dia!

Lucia ficara á sos; dizia-se doente!...

Alli, naquelle quarto contiguo a sala de jantar Lucia, conservara-se por momentos... Déra á luz a uma

creancinha viva, desgraçado fructo de um amor infeliz!...

Ella, como mãe, não conhecera esposa; a creancinha nascera orphã, não tinha pae... filha do accaso, filha do accaso sim!...

Lucia interrogava-se: O que fazer? E com effeito, era preciso occultar o seu filhinho; pois n'elle se abrigava a maior prova de seu crime. Deverei matal-o? Ah! Sim... matal-o hei, para que não lhe possa dotar de meu infortunio, é uma victima demais para a Sociedade! E' orphã deve morrer; é innocente irá para o Céu!

E debaixo d'estas impressões fortes demais para uma mãe, Lucia, fita o filhinho... vel-o bem, ergue-o do solo, toma-o nos braços — berço de espinhos consagrado ao martyrio daquelle angito innocente, e no assommo de uma desesperação infinita, ligeiramente estrangula-o e sae a sepultal-o na quinta!...

Mão desgraçada, creancinha santa! E com os mesmos braços, braços não, garras de féra com que estrangulára o filhinho, abre na humida areia da quinta, uma pequenina valla em que deita o corpinho de seu filho e vae pouco e pouco cobrindo-o com aquella areia fria, fria como o crime, fria como a sua alma de mãe impia!!

Alli, onde outr'ora plantara outras flores, ella a impiedosa mãe, a fria Lucia ia plantando a propria flor de su'alma, o primeiro fructo de um amor infeliz!...

Ceará.

QUINTINO CUNHA.

(Dos Contos de Côres.)

LUIZ ROSA

O mavioso poeta do «Lotus», ha mezes fallecido no Rio, enviáranos, pouco depois da fundação do «Centro» o seguinte soneto, que sendo inteiramente desconhecido do publico, damos hoje como joia rara.

CIUMENTAS

(INEDITO)

*Hoitem andaram boccas purpurinas
Espiralando os musicos perfumes,
Rindo de mim, violetas e boninas
N'uns attos gritos pelos attos cumes.*

*Ginandrias e favonios e boninas,
Das madrugadas e do occaso lumes,
Deixai-as vir, deixai essas meninas,
Ciumes, ouves? e tudo mais ciumes.*

Ciumes sim, que ellas quando o dia

*(nasce
Debruçam-se na cerca e erguem a face
Para fitar dos prisomas o thesouro.*

*Tal o perfil de Ignez quando á janella
Surge, joias na bocca e olhos de estrella
E a nutem solta dos cabellos de ouro.*

LUIZ ROSA.

Algumas linhas sobre religião

(Continuação)

Querendo-se provar a existencia ou não existencia de um *Deus* cahe-se em profundos sophismas que a primeira vista nos parecem verdadeiros, porém depois de bem analysados são simples formas philosophicas, quando a sciencia tende para o campo sophista ou das cousas não reaes, buriladas por simples apparencias veridicas.

Quando o pensamento vò a até ao pinaculo da abstracção travando uma lucta ingente contra tudo o que é misterioso, impossivel de definir-se, elle tomba porque nossas concepções tendem a um limite de ideias abstractas, não conseguindo por consequencia entrar em considerações que estão fóra de nosso completo entendimento.

Reflectindo-se bem, adquirindo-se no estudo proficuo da Natureza a ideia de um *Ser* superior, *Força* principal creadora das mais simples, não se póde contudo provar exuberantemente que ella existe; logo a nossa conclusão do primeiro artigo já publicado, não é totalmente veridica e sim uma ideia bem elaborada de accordo com os phenomenos do globo, approximação do mundo real tirando a contemplação do Universo *in totum* uma conclusão da existencia dessa *Força* superior, que impulsiona, «como já dissemos», todos os movimentos de todos os seres organicos e inorganicos, sem comtudo querermos nos metter na ardua tarefa de procurar quasi que inutilmente provar essa mesma existencia.

Se nos voltássemos para o lado puramente material veriamos que segundo o principio estabelecido pelos grandes materialistas: *que a materia não póde ser creada nem destruida, pois nada se perde no globo*, teriamos a conclusão de que essa *força* era bastante poderosa e material, composta de todas as partes essenciaes da materia propriamente dita; então teriamos *Deus* sendo a Natureza em toda a sua plenitude, o que é incomprehensivel porque ella não nos parece tão sabia como esse *Ser ou Força* misteriosa que humorisa as leis, que nos guia, impelle para o limite marcado pelo misterioso problema sociologico á sociedades para seu periodo de

florescencia e depois para o de decadencia ou na expressão mais ampla da palavra: para o progresso positivo ou negativo.

Ora observando-se raciocínios semelhantes a este, temos que a palavra *religião* e seu sentido pôde ser substituída pela de *moral*, porque não passa de constituidora da parte moral dos povos (quando ella é sensata), não possuindo aquella em seu fundo metaphysico um cunho de verdadeiro sobre a existencia propria de um *Deus* porque elle é infinito por consequencia indefinivel pois o «infinito é o infinito»!

Todo aquelle pregador de uma seita religiosa que esquecendo-se da logica e dos principios mais simples da pura moral o bom senso, procura implantar no seio de seus semelhantes a idolatria, o beatismo elevado ao seu extremo, chegando ao ponto de admittir ou fingir acreditar no que é impossivel, como por exemplo: que o homem podesse viver sem a mulher ou vice-versa, não segue uma seita sensata.

O que seria do mundo sem a a mulher? Um caos, um logar monotono, sem sentimentos os mais sinceros—o amor de mãe, de esposo, etc. Logo esse homem que se diz infalivel não pôde deixar de experimentar os sentimentos peculiares ao sexo, quer estes sejam nobres quer corruptos puramente materiaes, onde entram como principios, causas adaptadas ás leis de multiplicidade dos povos.

Se Christo, o martyr do golgotha filho de outro homem José viesse novamente ao mundo actual veria em algumas partes delle quanto adulterado está sua sublime doutrina cuja moral é a mais bella perante os seculos que se escoam na ampulheta do tempo.

O Celibato em materias de religião além de ser prejudicial ao corpo é ao espirito porque acostuma um ente a uma certa hipocrisia detestavel.

Querer-se ir em desaccordo ás tendencias dos sexos é o maior absurdo que pôde haver, logo todo aquelle que se afastar do dominio puramente natural e adiantado dizendo que o homem pôde ser *celibatario* religiosamente fallando sem forçar as leis da natureza, não conhece o que é o homem nem a mulher.

ALCÉBIADES MATTOS GUERRA.

Ave-Maria

Refugium peccatoris

*Ave-Maria,
Cheia de graça,
Sopro que passa,
Luz que enebria.*

*Bem dita és,
O' Mãe sagrada,
Harpa doirada
De Moysés?*

*Harpa impolluta,
Sopro divino,
Que vibra um hymno
E Deus o escuta.*

*Em ti, Mãe pura,
Em ti s'encerra,
Das céus e terra
Toda a doçura.*

*Lyrrio sagrado.
Lyrrio cheiroso
Lyrrio mimoso
E immaculado.*

*O' Virgem doce
Tem compaixão,
De um coração
Que transviou-se.*

*Eu vou sosinho
Por sombras cavas...
Ha feras bravas
Pelo caminho.*

*Mãe de bondade,
Guia-me ao trilho...
Eu sou teu filho
Tem piedade!...*

Em 12—4—95.

ALVARO MARTINS.

RECUERDO

(PAGINA DE UM LIVRO INTIMO)

Recordação sagrada de minha infancia, caricias boas de minha mãe que já não vive, que o céu arrebatou porque era do céu, vós sois a unica consolação de meu viver, restea de luz no escuro céu da minha vida: taboa sagrada da lei, onde aprendi os ensinamentos com que hei formado minha consciencia pura, pólo electrico que guia meu batel pelo revolto mar dessa existencia triste.

Si eu vós houvesse perdido a lembrança, oh! recordação sagrada de minha infancia, oh! caricias boas de minha mãe que já não vive, que o céu arrebatou porque era do céu,—si eu vós houvesse perdido a lembrança ha muito também que teria deixado de existir.

Vós porem, meus luzeiros sagrados, estaes constantemente gravados em minha mente, profundamente gravados em minha mente, de tal maneira, de tal forma, por tal arte que eu vos fallo sempre, que eu vos ouço sempre, que eu vos vejo sempre, e quasi vos sinto tocar!

E, oh! milagre do amor,— porque a infancia é o amor, é o riso, a luz, a aurora, — dissipam-se por momentos as pezadas nuvens negras que pendem ameaçadoras sobre nossas fronteiras, e, n'uma sublime transmutação de cores, um céu novo, todo azul, franjado de ouro e bordado de nimbos tenues, muito brancos, brancos como flocos de neve que pairassem no espaço, arqueia-se em doçel sobre nossas cabeças!

Suave recompensa da aurora que passou, á lembrança querida que guardamos d'ella.

E que lembrança! A gente sente uma alegria immensa, doida, travessa, infantil, que tem impetos de correr, gritar, saltar, recordando o tempo bom da infancia, frívola em pleno campo, no doce remanso do lar, em plena liberdade, e liberdade—vida e vida.

Alongamos o olhar pelo horisonte immenso, e acreditamos descobrir no escuro desse infinito alguma coisa boa que nos atrahê, alguma coisa de que precisamos para viver, e, corremos á apanhal-a, — é o futuro.

Retrocedemos o olhar pelo caminho andado, e nossa alma banha-se em luz amavel e fresca, lembrando cada poiso da jornada, cada afago de brisa ou cada picada do espinho,— é o passado.

São elles o fluido bom que nos anima e fortalece: Viver do segundo, na esperança do primeiro, eis em que se cifra nossa perigrinação pelo planeta.

Passar uma a uma pela monte as travessuras de criança, as raivãs que tivemos do professor, as pedradas que atiramos no telhado estranho, as brigas com os outros meninos, os passarinhos e borboletas que matámos, só pelo gosto de vel-os morrer; lembrar as santas caricias de nossa mãe, cheias de muito amor e muito sentimento, recordar sua doce voz que canta cantigas alegres ao pé de nosso berço, acalentando nosso somno, que dormimos muitas vezes ao som d'aquella voz, como tudo isto agrada a alma, como é tudo grande e santo e bello, e moralista e bom.

Depois, pensando-se muito, concentrando espirito nessas suaves recordações, remotamo-nos inteiramente ao passado, e como que sentimos o doce effluvio dessa alleluia de risos e beijos que se chama infancia.

Supponho-nos crianças, julgamo-nos pequeninos, acreditamos habitar o pedacinho de terra querido onde nossos olhos se habituaram á luz, contemplamos o rio, o poetico amante das alvinitentes gaivotas, que alli passam espumante e valente, transbordando das aguas do inverno, á gerner... a gomer de fraguado em fraguado, n'uma dolencia suave de trovão longinquo...

Ouvimos o rouxinol que canta no palmeiral visinho e que não nos causa inveja porque nós também somos rouxinões quando somos pequenos, o susurro plangente do vento na folhuda ramagem da oiticica frondosa o saudoso aboio do vaqueiro sentado nos mourões do curral á recolher o

manso gado no redil amigo, e, ao longe, lá para as bandas do levante divisamos a serra azul. — serpente monstruosa e azul, — em cujo dorso parece que dançavam as abas do infinito.

Supponho então, que ali termina o mundo, que a serra toca o céu. E' que em nossa ingenuidade santa de criança, não admittimos um mundo mais largo do que aquelle que se apresenta ao nosso horizonte visual, lá onde a terra se confunde com o céu, n'uma curvatura magnificamente ideal.

ANTONIO IVO.

Trahido

(AO ALVARO OTTONI)

*Me abandonaste em meio do caminho,
Do caminho risonho que eu trilhava
E a estrella irial do teu carinho
Não o illumina como illumina,*

*Um negro céu de tenebras medonho,
Cheio de espectros e de pesadellos
Caesobremimque a vezes me supponho
Sepultado no céu dos teus cabellos.*

*E neste louco sonho de acordado
Em vão lucto, em vão grito, em vão
(blasphemo)
E o coração que pulsa resignado
Soffre e soluça porque soffro e gemo.*

*Quebraste rinto indolucos laços
Que prendiam eternos nossas almas.
Fizeste bem querida: é que os palhaços
Se contentam com risos e com palmas.*

*Embora chore o coração no peito
O crown sorri das lagrimas, por fim
Se dão-lhe um riso fies saptisfeito...
— Meu coração é como esse arlequin.*

*Mas as vezes nas faces carminadas
Do miserô truão como um sarcasmo,
Esfloram se violentas gurgalhadas
Que o pozô deixam tremulo de pasmo.*

*Esta expressão nebotica e sombria
Minh'alma traz constantemente ao
(rosto...)*

*E' a negra mortalha da Ironia
Cam que sepullo as magoas e o desgosto*

*Não será com certeza indefinida
Esta dor que ao inferno me transporta.
Talvez seja por toda minha vida,
Mas esta mesmo eu considero morta.*

*Morta porque o amor rompendo as
(gazas)
De minh'alma num longo vôo incerto
Fugia, batendo as luminosas azas.
Como uma pomba errante do deserto.*

THEMISTOCLES MACHADO

Livros e jornaes

LIVROS

«Trovas do Norte» — versos de Antonio Salles.

E' quasi extemporaneo qualquer juizo, que tenhamos de emitir sobre este livro. Entretanto, reputamos um dever manifestar as nossas impressões e agradecer ao poeta a honra com que nos distinguiu, offerecendo-nos um exemplar.

Em synthese, o livro em questão é um bom livro; especialmente porque o caracteristico do seu auctor é o capricho da forma. Nota-se aqui e alli um s traço de traço, que engendra um pé quebrado; uma desconcordancia de verbo, que se *amonta* sob o rendilhado da phrase; reminiscencias de auctores tidos, como resto de boa essencia a impregnar-se em um vaso, que por mais que se lave, revella sempre uns *longes* de aroma estranho.

Ha certas extravagancias de concepção — tal seja (nos versos a J. Guedes) andar o poeta *nas horas do sol ardente* a conemplar a natureza sertaneja sobre os lagedos, que, certamente, aquella hora não são dos melhores pontos de observação.

Agradou-nos sobremodo o trabalho do Sr. Salles; embora com elle o auctor não tivesse augmentado os seus fóros de poeta; mas neste tempo de degenerescencia, a conservação de algum dote já é boa riqueza.

«Meu Livro», João Cavalcante, Mació; opusculo de versos.

E' um ensaio, e como tal, achamos o prometteor.

Agradecidos.

«Promettidas», Francisco Barreto de Menezes, — Fortaleza, 1895.

E' um folheto de versos em 100 paginas, emoldurado entre um prologo do Sr. G. Cardoso (que diz nada entender de poesia) e um appendice em prosa do proprio poeta. Sem descermos a detalhes, não achamos, como cabedal litterario, cabíveis as referencias, que a desaffectos seus fazem os Srs. Barreto e Cardoso.

Se estos dous cavalheiros permitissem, diriamos que a moldura das «Promettidas» é um verdadeiro ramalhete de ortigas.

Quanto ao valor litterario da obra entendemos estarem as «Promettidas» fóra da epocha.

Já não se pintam com cores rubras as tendencias guerreiras como na remota quadra condoreira de Castro Alves e Tobias Barreto:

«No tablado das batalhas,
cujo lençol é a amplidão
Ete».

Bem como, floresceu com Almeida Cunha, Casemiro, etc, etc, este genero de repetição nas rimas:

«Alice, eu disse» etc.

Incontestavelmente o Sr. Barreto é poeta, isto deprehende-se da correcção do metro; mas é para lastimar que não queira acompanhar a evolução por que vai passando a poesia.

Nossa gratidão ao esperançoso poeta pela offerta que nos fez de um exemplar das «Promettidas».

JORNAES

Temos sido pontualmente visitados pelos seguintes:

A Madrugaça: periodico litterario dirigido pelo incansavel brasileiro Oscar Leal e que se edita em Lisboa. Folha de muito merecimento artistico e litterario.

Rio-Revista: uma das publicações mais originaes, em litteratura, que tem o Brasil. Resente-se de um grande defeito: sai esporadicamente; em compensação, quando apparece é *para se ver*.

Revista Contemporanea: sempre de 22 quilates.

«A THEBAIDA»

Os litteratos da Capital Federal (os litteratos, não a litteratice fluctuante) acabam de ter uma verdadeira inspiração, dando a publicidade uma revista, com aquelle titulo, um primor d'arte pela fina e incisiva ironia que lavra em suas paginas.

Trata-se de um jornal dirigido por tres dos nossos melhores escriptores (é o nosso juizo), que, muito de industria, occultam-se com os pseudonymos de Alves de Farias, Collatino Barroso e Nogueira Junior. O seu objectivo é desmorrar, o quanto possível, essa loucura de falsos loucos que por ali andam, em nome da arte, a sacrificar a lingua vernacula e a fallar em *nevros e nevrotados*, invocando os nomes de Verlaine, Rolinat e Baudelaire; e que, afinal, sem entenderem patavina do que conceberam os grandes reformadores, excrementam-lhes os epitaphios.

Bem se vê que a Verlaine elles profanam, como estriges que *maracachetan* o zimbório de um templo abandonado.

Contra essa praga de loucos que teem a *nevrose* das *celebreiras*, surge a «Thebaida» movendo guerra de morte; mas uma guerra de ironia educada, subtil e incisiva, que terminará expondo ao ridiculo os taes proselitos do martyrisado Verlaine.

Vê-se alli, por exemplo, «Um passio a Tijuca», versos de Alves de Farias (Olavo Bilac de *robe e chambre*, a enfiar as pernas pelas mangas):

«Fechando os olhos sompolentos,
Deixei-me ir... como isso é bom.»

Quem não vê em tamanho dislate a satyra do poeta a tornar nephelibata a chula popular:

«Como isso é bom, é bom de mais».

Depois disto, descobre-se a fertilidade de estylo de Coelho Netto, a enveredar um balandrau as ayesas, nas «historias loucas»; A. Azevedo, em camisa e seroulas no «Rythimo»; Machado de Assis, procurando analphabetisar-se no «Maio», e tudo mais dos pés para a cabeça n'uma especie de dança de S. Guido.

Recommendamos a leitura da «Thebaida» a quem tiver o ouvido educado pelas conhecidas produções dos litteratos citados; e verão se: entibiados pela monotonia do bello, elles na «Thebaida» jogam ou não o perdéganha da litteratura.

Agradecidos pela remessa do 1.º numero, desejamos receber sempre semelhante aperitivo.

Gazeta do Commercio, da Parahyba: bem impressa e na altura dos jornaes congenes. É seu redactor o nosso presado con-socio F. Barroso.

Além d'estes, muitos jornaes temos recebido; e para prova de nossa gratidão enviaremos o nosso modesto *Iracema*.

Cesta de vimes

J. Franco.—Quixadá. Recebemos seu *gasmado*, artigo, discurso ou sinapismo. Para não desgostar inteiramente ao bom amigo, que ainda pode ser uma gloria como animal de rara focinheira, damos uma amostra do panno: «afundou-se o culube Recreativo Quixadaense». E para a cumição de *bófete* foi allumiado F...»

José Pereira Guedes.—Oeiras, Piauhy. Vmcê foi mesmo com tripas e tudo ao Parnaso? Viu, lá o passaro *brado* e o pé dos *tapinqueiros*?

Pois olhe seu Zé Guedes, seu *Zé Pereira* das enxundias, se Vmcê acertou com o caminho d'aquelle monte quando foi, por certo voltou vendendo azeite ás canadas.

E' nossa opinião que lá os moleques encheram o póte com S. Senhoria, (retiramos a palavra póte). Com certeza estumaram-lhe os cachorros... e... (parece que estou vendo) e vmcê despencou-se de lá, quebrando as cordas de seu birimbáo na carreira que deu. Birimbáo sim! não podia ser lyra o instrumento que produziu tão bellas quadras:

«AS MÃOS DE JOSEPHINA»

AMO AS MÃOS de *Josephina*
Como um coneris o mamão.
Vi seu nome em toda a parte,
E em toda parte LI MÃO.

Quem me dera SER A BRANCA
Lupa que COBRE os anneis...
Ou SER A PRETA madeixa
Que vem morrer nos seus pés.
CONCEBO teu nome em tudo!
JA CA REPOUSO, *Zephinha*,
Pois a fortuna me disse:
Ella é tua, VA, CAMINHA.»

Ora ahí tens um mamão da pobre *Zephinha*; a mesma feita em limão; o poeta a desejar ser a branca; e (que aroma!) cobijando transformar-se na *cera preta dos pés*.

Emfim, depois de tantos anhelos, depois de passar o *Zé Pereira* por *jacaré lanzudo*, acaba com chave de ouro: com um idilio de boi do Piauhy.

Que diabo lhe apare. os chifres.

J. DE SOUZA.

NA MISSA

(DOS «PSALMOS»)

*Como eu recordo, flor, ao ver-te ajoelhada,
erguido nobremente o talhe vaporoso
de teu franzino corpo, esse outro venturoso
momento d'essa noute hu tanto já passada!...*

*Como então teu olhar min'h'alma angustiada
enehe agora de um casto e santo e forte goso,
e eu fito o teu olhar purissimo, amoroso,
e sinto-me viver ao ver-te apaixonada...*

*Automato te imito e caio de joelhos
ao fulgor ideal dos teus olhares preso,
preso á hostia de amor dos labios teus vermelhos...*

*No peito o coração palpita e pulsa e canta
e eu me quedo a fitar-te extatico, indefeso,
perante o altar curvado e te adorando, santa!...*

FROTA PESSOA

Metempsichose

(AO PAPI JUNIOR)

*Dizem que a loura Azhir, filha do Shah da Persia,
Numa hypnose de amor se quedara sonhando,
Foi ao fundo do mar, as perolas, chorando,
Narrar a sua dôr co'uma subtil solercia.*

*Um banco de coral o ventre seu roçando
Fêl-a tremer e apoz n'uma profunda inercia.
Sonhou depois que estava a passear na Grecia
Entre Saphos gentis, versos cantarolando.*

*Nesse interim sentiu sobre ella alegremente,
Uma nuvem descer de rubins do Oriente,
Numa polvilhação de estrellas luminosas.*

*E vendo, ao despertar, que era mulher ja feita
Enrubeceu de pejo e alegre e satisfeita
Teve em seu fulco olhar volupias capitosas.*

De passagem—Ceará—1.—3—95,

AD HERBAL DE CARVALHO.

NOTICIAS

«ESTATUA DE JOSÉ DE ALENCAR»

A mocidade estudiosa de Maceió, que acaba de fundar o «Centro Literario Estudantesco Alagoano», enviou-nos, por intermedio do nosso prestimoso amigo Fausto d'Almeida, a quantia de rs. 120\$000, para applicarmos na construcção da estatua d'aquelle grande cearense.

Somos muito gratos a tamanha dedicação litteraria.

«CARIATIDES»

E' este o titulo de um livro de contos e phantasias que muito brevemente dará á publicidade o preclaro litterato Adherbal de Carvalho—nosso prestimoso consocio.

Poeta e critico, o Adherbal vem com seu livro illustrar a bibliotheca do «Centro».

«CIRCULAR DE MUCIO TEIXEIRA»

Recebemos no devido tempo; mas não podemos satisfazer o seu pedido, por se acharem fora do aprisco muitos dos nossos poetas *retrataveis*.

O Thomis (por ex) rapaz bem empernado de cara, está no Amazonas; o Alvarins, moço bem encarado de pernas, anda a refazer-se nos climas de Pentecostes; o Frota... bella phisionomia e ainda mais bello talento; porem... occupa-se presentemente em cousa mais proveitosa: cursa a escola Polytechnica.

E... assim, a excepção de um conhecido poeta do «Centro», já retratado pela «Eschola», esse oliché de lamina de estrellas (deixem passar o engrossamento, pois trata-se de um jornal de moças) os votos em disponibilidade cá por casa são verdadeiros Kagados com botas.

Desculpe-nos o illustre Mucio Teixeira; como objecto de raridades a sua galeria já deve estar cheia.

Typ. STUART.—RUA FORMOZA, n. 46.